

QUINTA-FEIRA
Lisboa--19 de Novembro de 1931

5 TOSTÕES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

287



sempre
fiel semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

GUERRA AO CANCRO!



A campanha do Dr. Francisco Gentil para com o cancro é o que se está vendo. Bem haja o eminente Professor! Só acabará o combate quando o monstro se der por vencido. Nesta guerra sem tréguas tem o insigne cirurgião um auxiliar excelente, baixinho de estatura e altíssimo de competencia: o Professor Henrique Parreira — muita uva e pouca parra.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

A *Nau Catrineta* tem sido um êxito!

O *Mexilhão* outro!

No entanto, há já quem diga — a piada tem graça e não prejudica — que o *mexilhão* se agarrou á nau, obrigando-a a ir mais devagarinho...

■ ■ ■

NO Nacional vai-se representar a peça *Veneno*, de Bernstein.

Cuidado! Não envenenem o publico!

■ ■ ■

ESTREOU-SE, no Trindade, o *Quato 222*.

Aconselhamos ao publico o hotel. Conforto e preços modicos!

■ ■ ■

DIZ o nosso colega *Republica* que, no Avenida, vai fazer-se a reprise do *Ai-ló*, ha pouco retirada do cartaz.

Então o *Vira*?

Fica para depois, quando sair do cartaz o *Ai-ló*?

■ ■ ■

PARTIU para o Porto, onde vai fazer entrega do original *Bicho*

do *Mato*, o comediografo Ascensão Barbosa.

Teria medo que o *Bicho* fugisse?...

■ ■ ■

A actriz Ilda Stichini deve brevemente reaparecer em Lisboa, representando o original de Vasco de Mendonça Alves, *Sonho duma madrugada!*

Não será sonho?...

■ ■ ■

FEZ na segunda-feira passada 35 anos o velho e glorioso actor Erico Braga, uma das reliquias da cena portuguesa.

Erico Braga, apesar dos seus cabelos brancos... conserva uma esplendida memoria, lembrando-se ainda de quando era calvo!

■ ■ ■

O empresario Artur Emauz não tem ainda teatro para explorar no inverno.

Aconselhamos-lhe um teatro ao ar livre...

■ ■ ■

O escritor teatral Carlos Fer-

nandes concluiu uma peça intitulada *Destino!*

Qual será o seu destino?...

■ ■ ■

O Gimnasio tem em ensaios uma comedia intitulada, portuguesmente, *O pijanu ás risoas*.

A Ester Leão, que se veste agora de noiva, vai vestir-se de *pijama*.

Vamos lá a ver qual das duas indumentarias lhe fica melhor!

■ ■ ■

O José Climaco tarda em regressar á patria. Depois do Brasil, vai fazer uma *tournee* ás ilhas adjacentes.

E' capaz de dar a volta ao mundo antes de regressar a Portugal!

■ ■ ■

VAMOS ter, no Apolo, a revista *Terra Nova*.

Desejamos que o «bacalhau» seja bom!...

■ ■ ■

ANTONIO Bóto verteu para portugues a celebre peça de Bourdet

A *Prisioneira*, que trata dum caso bastante doctio.

Esperamos que o poeta não fique *prisioneiro* da sua tradução...

■ ■ ■

A peça inglesa *Ciclone* será representada ainda esta epoca, no Nacional.

Esperamos que o titulo não afunde a obra!...

■ ■ ■

A Maria Clementina faz esta noite *A Severa*, no teatro Nacional!

Oxalá que a critica não transforme o substantivo em adjectivo!...

■ ■ ■

O *Deitar da Noiva* esgota as lotações.

Na bilheteira já se colocou, mais duma vez, a famosa taboleta «Não ha bilhetes na casa».

Pudera! Ha espectaculos que não se devem perder!

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

Distracções

Em certa aldeia havia uma taberna onde se juntavam varios talanos bebendo vinho, contando anedotas, etc. Um dia, porém, lembraram-se de fazer apostas. Depois de uns terem perdido e outros ganho, houve um que se lembrou de fazer uma aposta em que metia um filho seu, mandrão por sinal, e disse para o auditorio:

— Aposto que meu filho é capaz de comer cinco quilos de batatas com bacalhau e grelos.

O filho, que estava perto, ao ouvir isto, começou influindo o pai, dizendo-lhe:

— Aposte, meu pai, que ganha!

E o pai continuou:

— Aposto que meu filho é capaz de comer uma perna de carneiro assado.

E o filho, influindo o pai:

— Aposte, meu pai, que ganha!

Continuava o pai:

— Aposto que meu filho é capaz de beber, com tudo isto, cinco litros de vinho.

Tornava o filho:

— Aposte, meu pai, que ganha!

Nesta altura, o pai sal-se com esta:

— Aposto que meu filho é capaz de pegar numa enxada e andar um dia inteiro a cavar terra seca.

Nesta altura, como não agradasse ao filho esta aposta, disse ao pai:

— Ponha-se com apostinhas tolas e depois, se perder, queixe-se...

FREITAS MALDONADO.

Raciocinio de cadela



— Isto deve ser um furacão! A minha cadela está tão tranquilla...

Amor ao trabalho

D. Zulmira é uma senhora muito distraida. Está sempre na lua, está sempre abstrata, quasi nunca está a ouvir o que se diz.

De forma que volta e meia comete gaffes, arranja complicações, dá respostas e faz perguntas que não vem nada a proposito e deixa os outros comprometidos.

Não porque a D. Zulmira não seja uma pessoa culta, uma pessoa esperta; aquelas distrações é que a perdem.

Aqui ha tempos foi fazer uma visita e falou-se de varias desgraças, de varias falencias de varios banqueiros (assunto agora muito em voga) e a certa altura uma das senhoras lamentou:

— Tambem tive muita pena do Rodrigues & Rodrigues, um banco que estava tão seido. E ele agora coitado com a familia que tem, deve ver-se em embarços. Não acha D. Zulmira que foi uma pena para o Rodrigues?

— O Rodrigues? Mas o que foi que lhe aconteceu?

— O quê, não sabe? Tambem quebrou.

— O' coitado, então tem de usar uma funda, que maçada.

— Não, D. Zulmira, não foi isso.

Faliu. O Banco teve de fechar. E o que é peor é que não só deu cabo da casa bancaria, como tambem da grande lavoura que tinha.

Não sei o que ele vai fazer agora. Tambem não sabia D. Zulmira que ele tinha dado tabo da sua casa agricola?

— Não, não sabia. Mas em que rua era essa casa?

Varandim do Chiado

Além de miope e corcunda, o Francisco Távira era também poeta.

Entrara na vida por ser negociante de rendas. Durante alguns anos viveu sem sobressaltos, sem inquietações, na ilusão de que o negócio lhe corria de vento fagueiro. Porém, ao deixar de pagar as primeiras letras, viu, rapidamente, que tinha entrado na rampa da vida. Tinha falido estrondosamente. E, um dos credores que lhe tinham aberto falência, indignado, colérico, chegava a gritar-lhe:

— O senhor não é um comerciante, mas sim um poeta...

Francisco Távira, alma rara, alma ingenua, recolheu aquela declaração com o maior respeito. E pensou lá para consigo que talvez o outro não se enganasse... Pois não era verdade que ele, Távira, a 14 anos, quando frequentava ainda o liceu, escrevia-lhe um soneto à filha do reitor, que alcançara um grande êxito de garpalhada?...

E como quem muda de passeio ou de camisa, o Távira atirou-se, com os petos guerreiros, à poesia. Escreveu um sonetinho e sem esforço conseguiu vê-lo publicado num semanário da província. E então sentiu necessidade de ir mais longe, muito mais longe... Escreveu sonetos e poemas alusivos a datas históricas, meteu-os na alfaceira e percorreu os diários, oferecendo os seus trabalhos, sob a garantia de que eles provocariam um grande sucesso. Nação conseguiu. Os jornais diários tinham em maior consideração a prosa do que a poesia. Tudo e todos faziam «parede» ao nosso poeta. E foi, então, que ele se lembrou de pôr em prática, e sem desfalecimentos, um meio de triunfar rápida e nitidamente. A título de publicidade, o nosso Francisco Távira fizera anunciar que os *Luciadas* estavam incompletos. Havia muito mais que dizer, por exemplo, sobre as nossas descobertas, que Luis de Camões não tinha dito no seu poema. E era de Francisco Távira, o poeta que se propunha aumentar o trabalho do nosso poeta máximo.

Assim fez e, como se verá, de modo bem original: comprou um exemplar dos *Luciadas* e, em cada página, ao lado das oitavas imortais, aproveitando as largas margens brancas, escreveu e escreveu quantas de saber histórico. E deste modo conseguiu, realmente, que em cada página não ficasse o menor espaço vazio.

— Que tal? — perguntou o Távira a um amigo, quando acabou o seu trabalho.

— O outro ria e ria às garpalhadas. Távira ficou surpreendido. Não o tinham compreendido... E, dias depois, batia à porta dum manicênio, dizendo ao primeiro guarda que encontrou:

— Proteja-me. Fujo do mundo. Não me compreendem.

— Que profissão tem você? — perguntou o outro.

— Sou poeta.

— Ah! Então, pode entrar e instalar-se.

PONCIO PILATOS.



Ela: — E pode-se viver sem apêndice, sr. doutor?
O doutor: — A senhora sim; eu não...

Praça do Brazil S. Bento

RÊMINISCÊNCIAS...

Cipriano Barbosa Pencudo de Benevides e Aragão, da nobre linhagem dos Benevides de Castro Marim e da linhagem não menos nobre, por parte do pai, dos Aragãos de Freixianda, era em 1908 um mocinho quasi imberbe que frequentava, com grande prosapia dos seus avoengos, a Universidade de Coimbra, a bacharelar-se em filosofia.

Impecavelmente vestido de preto, com meia roda de vidraça petulantemente enquadra no olho direito. Pencudo de Benevides passou pela linda cidade do Mondego indiferente ao agradável prazer de ser rapaz. Nele não havia uma nódoa, nem no porte, nem no ar. Chamavam-lhe os colegas do seu curso, e a alcunha estendeu-se depois a toda a Academia, o «Semi-Virgem de Prevost». Benevides, quando lho disseram, teve apenas este comentário:

— Gente ordinária. Os da minha estirpe não descem até essas montureiras...

Em 1912, terminado o curso pela tangente, Cipriano Barbosa, já com o apêndice de *senhor doutor*, tomou rumo à sua aldeia, ou antes, como ele dizia cheio de embofia, regressou ao solar dos seus maiores, onde os pais iam vivendo dos últimos restos duma desmantelada fortuna.

Meio pequeno, acanhado, intriguista, a seis meses de estadia, o nosso filósofo começou a sentir a necessidade de tomar rumo, tanto mais que o pai já o chamara a capítulo e já lhe dissera, em linguagem moderníssima, que era preciso dar rumo à vida.

— Que pensas tu fazer, meu rapaz?

— Ainda não sei bem, pai. Mas conto enriquecer depressa, seja como for, porque os Benevides e Aragão não nasceram para pelintras.

— Toma cuidado, filho. Não vás muito depressa que às vezes o trembulhão só acaba na Penitenciaría.

O pai de Cipriano conhecia optimamente o estofo admirável do filho. Este respondeu abespinhado:

— O pai ofende-me. Um Benevides trilha sempre estrada direita. Amanhã mesmo deixarei a

sua casa e tomarei o meu rumo.

— Pois que Deus te leve em bem, meu filho, e, se precisares, cá tens a sopinha e a cama.

— Não ha de ser preciso...

E não foi. Deixada a aldeia, o nosso filósofo veio até Lisboa, sempre na última elegancia da moda e nunca pondo de parte o seu inseparavel monoculo e o seu anel brazonado. No Campo de Sant'Ana morava ha mais de vinte e anos o conselheiro Bernardes, ainda parente, embora longinquo, do Cipriano Benevides. E o conselheiro tinha uma filha, uma filha, que era um amor, e uma fortuna avaliada em mil e quinhentos contos.

Ora aconteceu que o primo Benevides caiu em casa do conselheiro Bernardes como a sopa no mel. A prima Miquinhas, a filha do conselheiro, andava desolada e aflita. Havia dois meses, num *garden-party*, no Estoril, a delicosa priminha conhecera um principiante encantado que lhe desvendara os segredos místicos do Parque, numa noite cálida de julho.

O que diria o mundo?! E o que faria principalmente o conselheiro Bernardes, que segundo resavam as crónicas familiares não era para graças...

Benevides soube da historia. Averiguou, com a maxima exactidão, da realidade absoluta dos mil e quinhentos contos e casou com a Miquinhas.

Feito o casorio muito á pressa, e a que o pai do Cipriano não assistiu, os noivos foram passar os seus primeiros dias de lua de mel ao velho solar dos Benevides e Aragão. E depois dos primeiros cumprimentos, pouco expansivos por parte do pai, este chamou o nosso filosofo ao escritorio e explicou-lhe a sua pouca sensibilidade moral:

— Nunca supuz, rapaz, que te contentasses na vida com os sobejos dos outros!

Então, Cipriano, comendo o monoculo e tomando atitudes de nobreza heraldica, ripostou:

— Meu pai engana-se! Um Benevides e Aragão nunca se preocupou com moedas de cobre...

JOAO-JACQUES ROÇOU.



— Com cartexa v. ex.ª tome-me por um perfeito idiota.
— Qual! Neste mundo a perfeição é rara...

Graça dos outros

— Olhe que aquele homem chegou ao centenário!
— Coitado! Teve que esperar muito tempo!

Na policia:
— Então o senhor nunca trabalha?

— Eu queria, mas não posso! Estou sempre na cadeia!

No restaurant:
O freguês: — Está a chover?
O criado: — Sinto muito, mas não posso responder-lhe! Não sou eu que sirvo na sua mesa!...

A patroa: — Esta casa anda numa porcarias. Hoje até escrevi sobre o pó que está em cima do piano!

A criada: — Escreveu — e com dois erros de ortografia!...

Seguro de vida:
— Antes de ultimarmos o seu seguro de vida, podia dizer-me de que morreram seus pais?

— Ora! De enfermidades sem importância!

O pai: — O que é um peão?
O meudo: — Um senhor que anda sempre deante dos automóveis!...

Na aula:
O professor: — Quais eram as características do ciclope?
O aluno: — Tinha só um olho, como nós não temos nenhum!...

O medico: — Tenho um doente que me inquieta!
Ela: — O quê, não nos pode pagar?!...

Uma menina tomava lições de piano e, dando um *lá* desafinado, perguntou ao mestre:

— Que tal achou este *lá*?
— Esse *lá*, menina, dado por si, faz *dó*!

— Quanto custa cada arrátel disso?

— Eu não vendo senão a quilo.
— Essa é boa! pois eu quero comprar isso e você quer-me vender aquilo?!

O mendigo: — Não tem um par de botas velhas que me dê?

Ela: — Mas para quê, se você traz umas calçadas?...



— O campo, aqui, é muito bonito, e a casa é muito bonita. Ah! nem é preciso ter relógio: passo um combolo de cinco em cinco minutos!...

Elevador da Gloria

O marido: — Precisamos fazer economias!

A mulher: — Absolutamente de acôrdo! Esta noite já não levo ao teatro o meu colar de perolas!...

Entre amigas:

— E o que te disse o teu noivo quando o informaste que não tinhas dote?

— Nada! Não o voltei a vêr!...

Ele: — Venho pedir a mão de tua filha!

O pai: — Qual delas? Tenho duas!

Ele: — Da que lhe resta! A outra acaba agora mesmo de morrer debaixo dum automóvel!...

Entre amigos:

— Pois a esse atleta, que mete medo a toda a gente, acabo de lhe dizer quatro verdades duras!

— E ele o que te respondeu?

— Não sei! Desliguei o telefone!...

No escritório:

— Ontem, o senhor não veio porque estava doente, mas à tarde vi-o de bicicleta!

— Seria quando ia a fugir do medico!...

Entre noivos:

Ele: — Acho-a hoje um pouco palida!

Ela: — Pois diga alguma coisa que me faça corar!...

João: — Acabo de livrar-me de boa! Imagina que cai duma escada de dez metros de altura!

Mancel: — E não quebraste nada?

João: — Não! Felizmente que estava no primeiro degrau!...

Na rua:

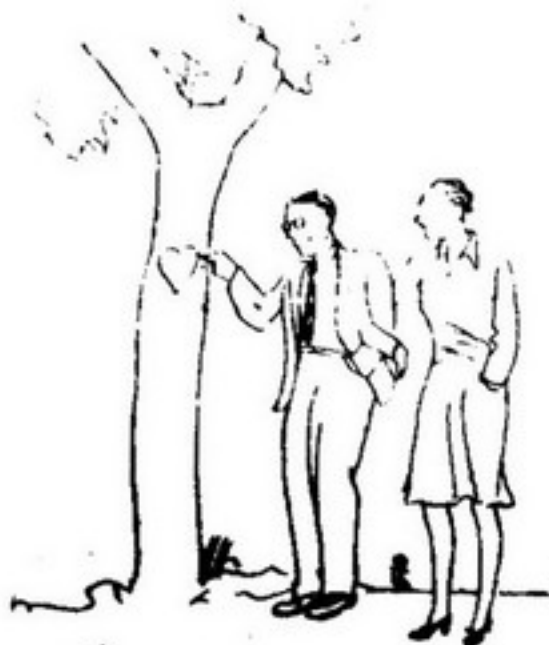
A mulher, aflita: — Não vás tão depressa, Chico!

O marido, fumando: — Não tenho outro remedio! Se não vou depressa, o cigarro não arde!

No dentista:

O paciente: — Dez mil réis por me tirar um dente! Olhe que eu necessito trabalhar meio dia para ganhar o que me pede!

O dentista: — Se é só por isso, eu levo-lhe meio dia a tirar o dente!



— Este é o teu coração, meu amor.
— E o meu estomago, não sabes fazer?

“Aires de España,,



— Extintor já eu comprei; falta-me comprar esta armadura...

Uma pessoa terna

A Eugenia era uma rapariga um tanto formosa que o Antunes resolveu um dia desposar.

Vida deliciosa foi sempre a que levaram, porque um terno amor os ligava. Depois como é natural, começou a haver de parte a parte o desejo dum herdeiro.

As coisas, todavia, pareciam não se encaminharem bem, com manifestação tristeza da Eugenia, do Antunes, da familia dela e da familia dele.

Mas o Antunes, sempre confiado, doido pela mulher como um macaco por banana, lá foi andando pela vida fóra sem vêr os seus desejos realizados. O facto, que era na verdade grave, tanto se podia atribuir a ela como a ele. E porque esta consolação o deixava quasi sempre tranquilo, tratou sempre a mulher com uma ternura que causaria inveja ao casal que se desse melhor.

Nunca, por nunca ser, houve entre eles a menor sombra de discórdia. Nunca deixaram de se tratar com o carinho e amizade que haviam tido na primeira noite de casados.

Ora o Antunes tinha um amigo grande — o Silveira, empregado

banheiro, que, achando a Eugenia bonita, lhe começou fazendo a corte.

De começo não fez ela caso dos galanteios; depois, pouco a pouco, foi-os aceitando. Primeiro um beijo, depois um abraço, e por fim...

E o Antunes sempre confiado... terno para a mulher, amigo do seu amigo Silveira.

Ha dias, o Antunes, contra os seus habitos, entrou mais cedo em casa.

A porta da rua estava aberta e, avançando pela casa dentro, foi encontrar no seu quarto o Silveira deitado com a mulher.

A cena parecia que ia derivar em tragedia: a Eugenia tapou a cara, envergonhada, e o Silveira preparou-se para receber o castigo.

Mas senão quando se ouviu o Antunes dizer com um ar paternal, como um boi pachorrenco, se os dois mais falassem:

— O que eu lhes não perdoo é terem deixado a porta aberta. Podia entrar qualquer outra pessoa e dizer que eu consentia isto!.....



— Então a senhora Maria vende a carne do porco que lhe morreu de doença?
— Naturalmente. Queria talvez que eu a comesse.

O padre que dorme

Um casalinho, recém-casado, foi à igreja, a confessar-se. Galanteiramente, o padre começou pela dama.

Grandes deviam ser, porém, as suas culpas, pois muito tempo esteve, encostada ao confessorio, ouvindo da boca do bom cura conselhos e censuras.

E tão demorada foi a confissão, que o confessor, que por acaso havia madrugado bastante, se calou, deixando-se adormecer.

Convencida, pelo silencio do padre, de que o ruido do órgão abafava a já prometida absolvição, a gentil senhora levantou-se, dando lugar ao esposo, e dirigiu-se ao altar da santa mais de sua predilecção, a rezar devotamente. Tomou o marido o seu lugar em frente do confessorio, e ao fim de aguardar em vão, durante algum tempo, as palavras do padre, teve de convencer-se de que o cura fazia uma cura... de repouso, roncando ao desafio com o órgão...

Respeitosamente, interrogou baixinho:

— Vossa Reverendissima está dormindo?

Acordado em sobresalto, procurou o padre encobrir a sua involuntaria falta e respondeu, solto:

— Não, minha filha! Não durmo! Então o ultimo pecado de que se acusa é de, em dois meses de casada, ter enganado onze vezes o seu marido, não é verdade?

Resolveu, doutra vez, o nosso dorminhoco padre ir assistir a um espectáculo profano e ei-lo instalado numa esplendida cadeira de orquestra, num dos nossos melhores teatros de declamação.

Começou o espectáculo. O nosso cura achava interessantissima a ingenua, estava a achar que o galã ia muito bem, gostava imenso do enredo da peça... mas adormeceu no meio do segundo acto.

Quando acordou, olhou sobresaltado a cena, que representava uma prisão, e ouviu o galã dizer, resignado, para a ingenua:

— Meu amor! Ha cinco dias que estamos aqui!

Ensonado e desorientado, o bom do padre levantou-se bruscamente e exclamou:

— Oh! com os diabos! E eu que tinha dito à Balbina que regressava a casa à meia noite d'esse mesmo dia!



— Vê lá: três contos me vai custar o enterro de minha mulher. Por este preço, parece-me que era bem melhor que ainda estivesse viva...

Cacharolete

Todos os anos, de ha 13 p'ra cá, festeja Portugal, se ben me lembro, esta data do 11 de Novembro, em que acabou a guerra fera e má.

Desfilam pelas ruas combatentes, famintos uns, outros arruinados, aclamam-se por horas os valentes, que dentro em pouco vão ser olvidados.

Est'no concluiu-se o monumento áqueles que morreram na batalha, e p'ra comemorar o passamento, pôs-se á roda da obra uma «mortalha».

Depois, á noite, realizou a Liga uma grande sessão solene e publica, para dar vida a uma ideia antiga: inaugurar o busto da Republica.

Houve discursos varios e vibrantes, embora com diversas opiniões, mas todas tão curiosas e interessantes, que todos recolheram saudações.

Na reportagem da comemoração ha uma coisa que impressão me faz: —é que O Seculo acentue que da sessão todos saísem afinal, «em paz».

O HOMEM DOS TIMBALES.

Não caso por não te amar, nem é caso p'ra misterio! — Isto da gente casar é um caso muito sério!

Casar-se, p'ra quem o ousa, é ter casa, simplesmente! — O casar, é uma coisa que se faz... casualmente!

Se casa, por sorte sua, alguém, — que caso banal! — E' como os «casos de rua»: não põem no jornal!

Mas se, p'ra nos resolver alguém casar, por acaso, é caso para dizer:

— O' Senhor! Não faça caso!

PATO MARRECO.

Est' já p'ra admirar e tudo andava contente, Não haver nenhum acar, Desses de se revoltar O povinho descontente.

Sim, porque antigamente, Por da cá aquela palha, Nas ilhas e continente Acordava um inocente Ao son... de grossa metralha.

Em Lisboa, era sabido Que a Rotunda — do Marquez — Era o local escolhido Pa' colocar um partido Lá no polco, outra vez.

Pois agora, oh! triste sorte Do nosso povo infeliz! Trava-se luta de morte E ninquem ha que as corte Do norte ao sul do País.

Anda toda a gente armada; Sem licença e sem receio: Todo o dia ha traulhada E ja ninguem liga nada Ao terrivel tiroteio.

Afundam-se embarcações De varias categorias (E tudo por dez tostões...) — Nos cafés, repartições, Clubs e barbearias!

Cai agora um almirante, A seguir, um couraçado, Depois, passado um instante, Um destroyer fumegante Lá está também afundado.

Como autor do sucedido, Que alarma todo o País, Vai ser preso o conhecido Jornalista muito lido Reinaldo Reporter X...

CIPRIANO DE CARVALHO.

HISTORIAS DO NOSSO TEMPO

O rompimento

Verem-se e amarem-se, aquilo foi obra dum momento... musical. Um trocar d'olhos; um aperto de mão; uma missiva apaixonada do «Manual dos Namorados» — e estava feita a conjura.

So restavam as *vias de facto*, que de *facto* era o mais difficil.

Ele, o rapaz, andava doido por ela, a rapariga, e ela — doida, não, mas infelizmente louca pelo rapaz. E neste vai-vem se conservaram longos e dilatados dias.

Ele prometia-lhe este mundo e o outro, se possível fosse, por aqueles olhos, que eram o seu encanto; ela não lhe prometia coisa nenhuma porque não era habito seu, mas escancarava-lhe um sorriso que valia milhões e uns seios de se lhes tirar o chapéu... de dois bicos rosados.

Era um autentico amor de perdição, com licença do Camilo e do Carlos Santos.

Em suma, o rapaz andava perdido pela rapariga, e a rapariga perdida (perdição é como quem diz) pelo rapaz. Aquilo, ás noites, era um desabar de promessas e confissões verdadeiramente caudalosas.

Por fim já se trocavam beijos e, á falta de trocos, permutavam-se caricias, tudo dentro da melhor honestidade — não vá o maroto do leitor fazer maus juizos, salvo seja.

Dai ao casamento era um passo. Bom ou mau, depois se veria.

* * *

Seguia tudo no melhor dos mundos — o amor e uma cabana em perspectiva, um leito de rosas e muitos meninos — quando uma ideia luminosa assaltou de subito o espirito da dengosa rapariga.

E condições de vida? Que meios possuía o seu futuro? Seria ela feliz depois do nó, ou viveria triste, pobre, abandonada, sem conforto nem abastança?

E curou imediatamente de se informar.

O rapaz não tinha eira nem beira, nem ramo de figueira. De forma alguma podia dar-lhe a felicidade almejada. Seria juntar-se a Miséria com a Desgraça. O amor, só, não sustenta ninguem. E' preciso mais alguma coisa: dinheiro para as batalas e para o cinema. Nada. Decididamente seguia por mau caminho e, acto continuo, sem dizer agua-vai, aproveitando a ausencia do seu amado, que fóra á terra passar uns dias, lançou as vistas para outro lado.

Aí mesmo, na rua, estava a calhar o filho mais velho do droguita, que não fazia outra vida, na tempos a esta parte, que não fosse dizer a toda a gente que a amava e estava disposto a dar-lhe a suprema ventura. E como tinha veia poetica, cantava a cada passo aqueles amôres mal correspondidos, em versos mais ou menos côxos e manetas.

Começou então de dar-lhe sorte, não fosse perder pau e bola naquela contradança.

Até que, por fim, chegaram a um acôrdo. Sob qualquer pretexto — e as mulheres são habilissimas para estas coisas — afastar-se-la do outro, *frespassando* toda aquela paixão, como quem faz uma muda (cautela com as cacofonias) para o novo coração que lhe prometia um enzoval riquissimo, cinema todas as noites e... poucos meninos.

Não havia que hesitar. Rei morto, rei posto. Começaram, então, as novas entrevistas, agora com

mais calor, porque, enfim, desta vez era para casar.

* * *

Até que o outro regressou. Tinha que ser.

— Agora é que a porca torce o rabo! — dizia o neofito, algo atrapalhado.

Era necessario resolver aquele grave assunto, de modo que se evitasse uma cena mais ou menos violenta. O mundo está cheio dessas tragedias. E ha momentos na vida em que um homem, como dizia o outro...

Adeante. Ela, cheia de estoicismo, decidiu pôr tudo em pratos limpos. Ou sim, ou sopas. Estava em jogo a sua felicidade. Havia que defendê-la.

E aguardou a noite.

* * *

No portal: — Jorge, meu querido Jorge. Tu não és meu inimigo, pois não?

Então escuta. Eu tenho outro noivo. Constatei que o teu grande amor era incompativel com o teu pouco dinheiro. Dois polos que se chocariam e produziram a farsa da minha desgraça. Tem paciencia, paciencia e temperança. Se me queres bem, deixa-me, abandona-me para todo o sempre, que a felicidade espregue-me pela porta daquela drogaria que está em frente. Vou ser muito feliz, podés ter a certeza disso. E tu, tu, meu querido Jorge, resigna-te por amor de mim e vai para um convento.

Fez o gesto do Hamlet e ficou-se a contemplar o quasi-morto. Ele pestanejou, enguliu em seco e exclamou: — Foi-se tudo quanto Marta fiou. E eu que sonhava tantas coisas lindas para te proporcionar...

Ela ouviu, quasi em extase, as palavras humidas daquele que fóra durante anos o seu eleito. E, num gesto napoleónico, sacou do bolso do avental o que quer que fosse.

— Pega. Esta é a pulseira que me ofereceste ha tanto tempo, como prova do affecto e que sempre nos falava desta amizade, cujo epilogo eu sou a primeira a lamentar.

Jorge, palido e loiro, muito loiro e frio, pegou na joia, trémulo, corumbatico — e conformou-se.

— Muito bem! Assim o queres, assim o tens! — suspirou.

Depois, num impeto, quasi desorientado: — Quero saber o nome desse homem, desse usurpador!

— Por quem és, não faças uma tolice! Eu continuo a ter por ti a mesma simpatia. Isto tinha que ser.

— Vamos! Depressa! Como se chama esse homem?

E agitava a pulseira, como se fosse uma sineta.

— Se prometes não lhe fazer mal algum...

— Prometo, sob palavra de honra!

— Então, lá vai. E' ali o Artur droguita. Gosta imenso de mim e é fazer-me muito feliz.

— Ah! sim. E' o Artur?

— Não lhe faças mal. Peço-te por tudo.

— Juro-te que não lhe tocarei nem com um dedo.

E fez menção de sair.

— Onde vais, desgraçado?

— Vou ao Artur.

— Que vais tu fazer?

— Vou vê se se ha quem comprou esta pulseira. Já agora, como era tua — pode ser que ele t'a ofereça novamente...

MAXIM.

Noticias do dia

O conflito da Manchuria

Os ultimos telegramas

MUKDEN, 27. — Prossegue com toda a regularidade o conflito da Manchuria. — (Especial).

A opinião americana

WASHINGTON, 27. — O senador americano Dorah, entrevistado pela *Chicago Times*, declarou que a guerra sino-japonesa não terá as consequências que a principio se lhe atribuiu. Diz que ha apenas um mal-entendido entre aquelas duas nações e que, tão depressa morram dois milhões de homens de cada lado, tudo se esclarece. — (O'nted Pressa).

O conflito e a Sociedade das Nações

GENOVA, 33. — A Sociedade das Nações declarou hoje oficialmente que o conflito sino-japonês não tem gravidade.

O regresso á normalidade

PEQUIM, 33 1/2. — As tropas japonesas atacaram esta madrugada uma força de soldados chineses, perto da fronteira da Manchuria. As tropas japonesas foram vivamente repelidas, não havendo mortes nem feridos. — (Cavas).

Mais escaramuças

MUKDEN, 34. — As tropas japonesas continuam atacando as forças chinesas ao longo da fronteira. Travaram-se renhidos combates, registando-se mortos de lado a lado. Confirma-se assim que o conflito não tem gravidade, segundo o relatório da Sociedade das Nações. — (Especial).

A Russia observa

MOSCOU, 35. — O governo sovietico mandou varios camaradas observadores para a Manchuria, para analisarem de perto o conflito sino-japonês. A primeira análise que os camaradas peritos fizeram deu negativo. — (O'nted Pressa).

As duas nações beligerantes querem a paz

TOQUIO, 36. — O Japão declarou que aneja a todo o momento pela paz. A China também quer paz. No entanto, o conflito vai num *sino*. A situação continua no mesmo pé, com as tropas em pé de guerra, esperando-se apenas um pé para se começar a luta. — (Cavas).

Romperam-se as hostilidades

MUKDEN, 36. — Esta manhã travou-se nas margens do Yang-Tsé vivo tiroteio. Romperam-se as hostilidades, mas uma brigada de costureiras ceseu-as imediatamente, não havendo mais factos dignos de registo. — (Especial).

Vai ser declarada a guerra?

CANTÃO, 37. — Esta manhã correu o boato de que a guerra ia ser finalmente declarada no sentido de ser regularizada a situação entre a China e o Japão. Mais tarde ficou resolvido que, por enquanto, a China e o Japão continuarão fazendo a permuta de tiros, mas que só mais tarde a guerra será declarada. — (Especial).

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes

Sortes grandes?

é o PINA em vendas

75. — Rua de S. Paulo — 77

De chapéu de chuva

No dia onze de Novembro, encontrei na Avenida da Liberdade meu amigo Gaudencio. Eram duas da tarde e apesar disso chovia torrencialmente...

O Gaudencio começou por abrir o chapéu de chuva e acabou por me levar para a rua «das Pretas», aonde, talvez por mudança de clima, não chovia...

— Sabe o meu amigo em que tinha eu a pensar? — começou ele com os seus habituais modos misteriosos.

— O meu amigo ainda não disse... respondi, aguardando, já interessado, o que viria dali.

— Pois vinha eu a meditar cá com os meus botões que muita constipação deviam ter apanhado os combatentes, quando andavam encharcados lá nas trincheiras! Eu calculo por mim, que só porque trago uma gabardine de trincheira, ando constipadíssimo!

E, entusiasmado com a própria verborrosidade, o Gaudencio continuou apontando o monumento encoberto:

— Veja, meu amigo! Também nessa «Grande Parada» houve uma «Hora Suprema» em que o nosso «Grande Esforço» teve o seu «Preço da Gloria»!

Continuámos, pouco depois, a descer a Avenida, e o Gaudencio continuava arengando sobre a participação na Guerra, sobre a participação que ele, Gaudencio, tem de fazer do nascimento do seu último filho, enfim, sobre variados assuntos...

Já em pleno Rossio, o meu amigo cumprimentou amavelmente uma senhora que passava, e que devia ser titular, porque ele se lhe dirigiu nos seguintes termos, apontando o céu, limpo de nuvens: — «Isto é chover, Merqueza?»

Confesso que não percebi muito bem a piada, e mais admirado fiquei quando ouvi o Gaudencio chamar, apontando vagamente para os homens que passavam: — «Isto está tudo a pedir chuva!»

Descemos a rua do Ouro, Mas que ralo querera o meu amigo dizer com tantas piadas?

Acabei, finalmente, por ficar verdadeiramente espantado quando o ouvi dizer, ao passar, no Terreiro do Paço, junto da estátua: — «O D. José! Tire lá o cavalo da chuva!»

...

O sol continuava a brilhar, no céu limpo de nuvens, deste encantador verão de S. Martinho.

O Gaudencio está, com certeza, completamente maluco!

ANIBAL NAZARÉ

Arte do suicidio

Na Suecia publicou-se na dias a «Arte do Suicidio», que consta dos seguintes capitulos ou meios para chegar ao fim:

- 1.º — Acido prussico.
- 2.º — Almondegas de pensã.
- 3.º — Pagamento da renda da casa.
- 4.º — Beljos de sogra.
- 5.º — Arbitragem de foot-bail.
- 6.º — Pecaminosa conversa surpreendida ao telefone.
- 7.º — Sessão na Bólia.
- 8.º — Cook-tail de bar.
- 9.º — Exposição de humoristas.
- 10.º — Invenção de maluco.

Quer não morrer nunca, quer morrer longe que nunca mais morre.

DESSPORTOS

As grandes manifestações da bola

Emfim. O interesse do publico foi esprevidado com a realização do jogo entre as seleções de Lisboa e do Porto.

Antes do encontro, dizia-se que a *equipe* portuense, com *figados de leão e glandulas de macaco*, vinha resolvida a deixar pelas ruas da amargura os lisboetas.

A final de contas, a montanha pariu um rato. O feitiço voltou-se contra o feitiçeiro.

O onze do Porto, na segunda parte, parecia o onze infantil do Foot-ball Club do Porto. Que é muito possivel que os *petizes* jogassem com mais acerto...

Não queremos deixar de dedicar algumas palavras á organização deste festejado encontro.

O policiamento não podia ser mais bem feito.

Tanto que o publico da geral, não se sentindo bem instalado, resolveu em determinado momento atravessar o campo, para bem se acomodar nas bancadas, empurrando as pessoas que lá estavam.

Como mais tarde ameaçasse chover, o mesmo publico assaltou ainda os *fautouils*, onde por sinal se encontravam instalados os directores da A. F. L.

Mas, apesar de tudo, pode di-

zer-se que o policiamento não podia ser mais bem feito.

Houve jogadores que se evidenciaram muito.

Siska foi um verdadeiro colosso. A gente, vendo-o jogar assim, chega até a ter pena dele ser húngaro...

Carlos Alves, vulgo o *Orelhas de cartuxo*, ouviu constantemente uns mimos de fraseado.

Waldemar não *valdecunada*. E Pinga não pingou porque o Castro, da celebre familia dos Castros, não o consentiu.

O Belo esteve *belo*. Que ha quem não tenha gostado...

E o Justo não foi nada *justo* na exhibição com que nos brindou.

O Almeida teve *alma até Almeida*.

O Soeiro mais pareceu *castanheiro*, o Bernardo não *bernardou* e o Piresa pôs-se na *piresa*.

O advogado Abrantes Mendes é que *campou*. Como advogado, *ditou leis* e tudo muito bem ditado. O seu maior argumento foram os *shoots* que quasi reduziram a *sisco* o Siska.

Este jogo provocou muito *beicinho* aos afeiçoados dos *tripeiros*. O João de Brito, á noite, no S. Luis, *tinha mesmo cara de descortado*...

JONICA



— Ora ora! Ora que eu sou um produtor de trabalho nacional.

Geografia etimologica

CACILHAS. — Esta terra antigamente não tinha nome, só tinha burros. Isto dava causa a enormes confusões, pois queria designar-se essa terra e não havia como.

Um dia, e isto foi por acaso, a terra da Outra Banda teve um nome. Foi o caso que em Lisboa, na margem do Tejo, um individuo que pretendia ir passear á terra que hoje se chama Cacilhas, começou a gritar desta margem para a outra e a fazer perguntas acerca das comodidades da terra. — Olha lá — dizia ele — ha lá burros para a gente poder ir dai dessa terra para Almada?

— Ha! — respondeu o outro. — E os burros tem comididades?

— Tem.

— Mas cilhas ha lá?

— Ca cilhas ha. Pode vir.

Depois, quando alguém lá áquella terra, era costume dizer-se: *Ca cilhas ha* para passear em burro. Dai veio o nome á hoje laboriosa terra da Outra Banda.

CASTELO DE VIDE. — Esta terra tinha um nome muito diferente deste. Não era nada do que é hoje. Mas, um dia, um cidadão mais tarde illustre, que percebia muito da fabricação de chouriços, resolveu ir viver para essa terra e fabricar lá uns chouriços que ele era especialista em fazer. Chamava-lhe ele os *chouricos de castelo de vide*. Foi para lá fazer os deliciosos chouriços e começaram depois a chamar á terra o nome porque eram conhecidos os chouriços.

MOITA. — O titulo desta terra é muito curioso e a sua origem mais curiosa ainda. Quando alguém lá áquella terra e começava a fazer perguntas, os habitantes de lá, muito envergonhados, nunca respondiam. Por mais que lhes falassem, eles faziam de conta que não ouviam e nada diziam. Resultou disso que, quando se falava ne habitantes daquella terra, dizia-se sempre: — «Isto é uma gente horrivel. Por mais que lhes facamos perguntas, eles Moita, quatro vintens, nunca respondem».

Por piada, começaram a chamar á terra *Moita*, e assim ficou até hoje.

MUGE. — A origem do nome é tal qual o mesmo. Os habitantes de lá tambem nunca respondiam. Nasceu o habito de se dizer que um natural de lá nem tuge nem *muge*.

PESO DA RÉGUA. — Esta terra muito pitoresca foi fundada por D. Teodosio da Fonseca Gamito e uma das características mais curiosas era uma régua muito grande e pesada que lá havia, á entrada da vila.

Toda a gente falava nessa régua e, um dia, um bisneto de D. Teodosio mandou pesar a régua, verificando-se que pesava para cima de 700 quilos, tanto que até teve de se mandar fazer uma balança especial. Notado o *peso da régua*, toda a gente, durante muitos seculos, falou nela e assim ficou a terra com esse nome.

PACO D'ARCOS. — Quando se fundou esta vila, não se sabia que nome se lhe havia de dar. Puzeram-se a pensar no caso, deram tratos á imaginação e houve um que disse:

— E se lhe chamássemos *Paço*? Acharam boa a ideia mas, como *Paço* só era um nome pequeno, continuaram a pensar até que outro disse pouco mais ou menos estas palavras:

— *Caha, achamam-se os Paço d'Arcos e lá ha um mudo.*

Todos concordaram, e assim ficou aquella terra com o nome de *Paço d'Arcos*, que são coisas que não existem lá.

HOJE DA SEMANA

FOI POR DEUS ACABAR A EXPOSIÇÃO COLONIAL PORQUE SENÃO OS PRETOS MORRIAM TODOS BRANCOS... DE NEVE.

O FILHO DO CEU ENTRANDO NO CEU ABERTO DA MANDCHURIA



I MORRE UM PORCO DOENTE...



II... ENTERRA-SE O PORCO POR UM MÊS



III DESENTERRA-SE O PORCO



IV IMEDIATAMENTE VAI AO CHOURICEIRO MECANICO



V - VENDE-SE

FABRICO ESPECIAL DA MINHA CUNHADA!



VI COME-SE E VOMITA-SE IMEDIATAMENTE OU MORRE-SE ENCHOURIGADO



JÁ EXISTE O JOGADOR DO DISCO - BREVEMENTE INAUGURAR-SE-HÁ O JOGADOR DA GRAFONOLA QUE DEPOIS DA T.S.F É O MAIS PODEROSO NEURASTENISADOR...



PARECEMAL ONUDISMO (NEM DE PEDRA)



FRITZ LANG MATOU! LANGUIDAMENTE O INIMIGO DO SONORO.

AMELYA REY COLAÇO. VOCÊ QUE É TÃO ARTISTA PONHA OS SEUS MUSICOS EM VALOR.

O SEXTETO DO NACIONAL É GRANDE DE MAIS PARA CAPOEIRA TÃO PEQUENA



BARBOSA E RENE CONCERTARAM SERCONCERTINOS DE MÊS ANTES